

O conceito de juventudes: quem são os jovens do Guri?

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: SA – 2 Educação Musical

Nicole Reis
Universidade Estadual de Maringá
niccreis@hotmail.com

Vania Malagutti
Universidade Estadual de Maringá
vamsloth@uem.br

Resumo. Este texto é um recorte de uma pesquisa em andamento que tem como objetivo compreender as aspirações profissionais e as trajetórias de inserção profissional dos alunos jovens integrantes da Orquestra de Cordas e da Orquestra Sinfônica do Projeto Guri na Capital e Grande São Paulo, um programa sociocultural do Governo do Estado de São Paulo gerido pela organização social Santa Marcelina Cultura. A pesquisa está sendo desenvolvida numa abordagem qualitativa com os dados construídos a partir de entrevistas e documentos fornecidos pelos colaboradores. Os resultados parciais indicam que, para os jovens colaboradores, o Guri é um espaço de formação em que eles têm acesso à conhecimentos musicais que os impulsionam a querer trabalhar nessa área de atuação; a universidade tem aparecido como algo relevante para a profissionalização musical. Os jovens também demonstram reconhecer espaços diversificados para sua inserção profissional. A fundamentação teórica irá se pautar na Sociologia do Cotidiano e na Sociologia da Educação Musical.

Palavras-chave. Juventudes, Programa Guri Santa Marcelina, Sociologia do Cotidiano, Percursos Profissionais.

Title. The Concept of Youth: who are the youth on Guri Santa Marcelina Program?

Abstract. This text is an excerpt from an ongoing research that aims to understand the professional aspirations and professional insertion trajectories of the students who are members of the String Orchestra and of the Symphony Orchestra on the Guri Project on the Capital and Big São Paulo, a sociocultural program of the Government of the State of São Paulo managed by the social organization Santa Marcelina Cultura. The research is being developed in a qualitative approach with data built from interviews and documents provided by the participants. The partial results indicates that, to the young collaborators, Guri is a training place where they have access to musical knowledge that drives them to want to work in this area; the university has appeared as something relevant to the professionalization of music. This youth people also show that they recognize different spaces for their professional insertion. The teorical foundation will be based on the Sociology of Everyday Life and the Sociology of Music Education.

Keywords. Youth. Guri Santa Marcelina Program. Everyday Sociology, Professional Path.

Introdução

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado em Educação Musical cujo objetivo é compreender as aspirações profissionais e as trajetórias de inserção profissional dos alunos jovens integrantes da Orquestra de Cordas e da Orquestra Sinfônica do Projeto Guri na Capital e Grande São Paulo, um programa sociocultural do Governo do Estado de São Paulo gerido pela organização social Santa Marcelina Cultura.

Na pesquisa discuto questões como: quem são os jovens do Guri? Quais as expectativas profissionais que eles idealizam a partir de seus estudos musicais no programa? Qual o papel do Guri em suas aspirações profissionais? Quais desafios estes jovens enfrentam durante seu processo de formação musical? De que forma eles lidam com eles? Quais têm sido suas trajetórias?

Esses questionamentos permeiam minha prática docente desde 2014, quando me tornei professora de violino do Guri. Foi observando meus alunos que percebi que para os jovens do programa o aprendizado musical era frequentemente associado à possibilidade de inserção profissional (HIKIJ, 2006, p. 67). Ainda nesse sentido, é preciso pontuar a importância que ser participante num dos Grupos Artísticos do Guri exerce sobre os alunos e alunas. A inserção profissional desses jovens pode ser compreendida como um fenômeno institucional (GOMES, 2018, p. 2) uma vez que através das vivências proporcionadas pelo programa - e principalmente após a aprovação nos Grupos Artísticos - o aprendiz se vê inserido num conjunto musical cujo objetivo é contribuir com a formação musical dos alunos, dando-lhes a oportunidade de vivenciar a experiência de palco e de prática coletiva (CONTRATO DE GESTÃO nº 004/2017, p. 52), o que o aproxima da possibilidade concreta de profissionalização (HIKIJ, 2006, p. 68).

Esta pesquisa está sendo desenvolvida desde Agosto de 2021 numa abordagem qualitativa com dados construídos através de entrevistas, notas de campo e documentos diversos cedidos pelo programa e pelos alunos participantes. Até o momento foram entrevistados seis jovens. Os resultados parciais mostram que para os colaboradores dessa pesquisa o Guri é um espaço de formação onde eles têm acesso à conhecimentos musicais que os impulsionam a querer trabalhar nessa área de atuação profissional. Além disso, os colaboradores consideram como imprescindível para sua atuação ingressar numa faculdade de música. Mostram-se também muito conscientes dos espaços em que podem se inserir profissionalmente e que o caminho para essa inserção não será fácil, mas é possível. A

fundamentação teórica irá se pautar na Sociologia do Cotidiano, através dos textos de José Machado Pais (1990, 2016) e na Sociologia da Educação Musical (SOUZA, 1996).

Neste texto apresento, inicialmente, o conceito de Juventudes apresentado nos textos de Pais (1990, 2016), que é parte da base teórica que está sustentando a pesquisa. Na sequência, desenvolvo um pequeno diálogo com trechos de dados do campo com o aporte teórico. O foco aqui é apresentar uma breve análise de quem são os jovens colaboradores desta pesquisa.

O CONCEITO DE JUVENTUDES

A pesquisa em andamento toma como colaboradores jovens integrantes de um programa sociocultural com idades entre 18 e 25 anos, faixa etária que está incluída nos estudos sobre juventude. Sociologicamente a temática da juventude vem apresentando uma necessidade de reformulação. Isso quer dizer que a teoria sociológica percebe-se confrontada com a necessidade de contestar as representações correntes sobre a juventude. Generaliza-se uma nova consciência sociológica - paradoxal às representações correntes - que toma a juventude como objeto pré construído que precisa ser rompido com o intuito de reconstrução. Isso se desdobra num novo olhar para o conceito de juventude, mais próximo à realidade socialmente construída (PAIS, 1990, p. 139). Pode-se dizer que há, portanto, diferentes juventudes (PAIS, 1990, p. 151).

A juventude consiste em uma categoria social manipulada e manipulável. Os jovens são definidos como uma unidade social, um grupo composto por indivíduos de faixa etária definida e com interesses em comum. Nessa representação a cultura juvenil é unitária. Entretanto, não é possível integrar num único conceito sujeitos que - apesar de estarem englobados numa mesma geração - se identificam como pertencendo a classes sociais, grupos ideológicos e profissionais diferentes. A sociologia da juventude explora, portanto, não apenas as similaridades entre os jovens mas também - e principalmente - as diferenças sociais que aparecem entre eles (PAIS, 1990, p. 140).

Existem, portanto, duas tendências dentro da Sociologia da Juventude. Numa delas, a juventude é um conjunto social constituído por indivíduos pertencentes a uma mesma fase da vida; a cultura juvenil seria, portanto, definida em termos etários. Noutra tendência, a juventude é um conjunto social necessariamente diversificado; as culturas juvenis se atentam

para as diferenças de classes sociais, para as diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses e oportunidades ocupacionais. Neste outro sentido seria incoerente agrupar num mesmo conceito de juventude universos sociais que não tem praticamente nada em comum entre si (PAIS, 1990, p. 140).

As culturas juvenis estão relacionadas às crenças, valores, símbolos, normas e práticas compartilhadas entre os jovens. De acordo com a corrente geracional da sociologia, estes elementos são próprios e inerentes a uma determinada fase da vida. Já a corrente classista defende que são derivados ou assimilados das gerações anteriores e através das trajetórias de classe em que os jovens se inserem (PAIS, 1990, p. 140).

A corrente geracional toma como ponto de partida a concepção de juventude como fase de vida e enfatiza o aspecto unitário do grupo. Para a corrente geracional as descontinuidades intergeracionais - análise da conservação ou sedimentação das formas e conteúdos das relações sociais entre gerações - são a base para a formação da juventude como uma geração social. Logo, observa-se que para esta corrente a relação entre as gerações é um ponto central. (PAIS, 1990, p. 154).

Já para a corrente classista a reprodução social está alinhada a reprodução das classes sociais. Esta corrente crítica o conceito de juventude como fase da vida por entendê-la como uma categoria, ainda que dominada por relações de classe. Nesta visão a transição dos jovens para a vida adulta encontra-se pautada por mecanismos de reprodução classista. Para a corrente classista, as culturas juvenis são sempre culturas de classe, produto das relações antagônicas entre as classes, consideradas culturas de resistência com significado político (PAIS, 1990, p. 157 e 158).

Histórica e socialmente a juventude é reconhecida como um período da vida marcado por certa instabilidade. Os jovens também estão associados a alguns problemas sociais e, se não se esforçam para contornar esses problemas são rotulados como irresponsáveis ou desinteressados. Tornar-se adulto requer, então, o desenvolvimento de um conjunto de determinadas responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado), conjugal, familiar e habitacional (moradia e sustento). Conforme adquirem essas responsabilidades os jovens passam a ser considerados como adultos (PAIS, 1990, p. 141).

Um dos problemas sociais que mais afeta a juventude contemporânea¹ é a dificuldade de inserção dos jovens no mercado de trabalho. Essa falta de acesso a um emprego se reflete numa dificuldade de acesso à habitação. Jovens recém casados ou com idade propícia para a emancipação se veem forçados a morar com os pais o que, por consequência, se desdobra numa fonte de conflitos e problemas familiares (PAIS, 1990, p. 142). Essa dificuldade de inserção profissional também se mostra relevante no surgimento de outros problemas sociais como o consumo de drogas e a delinquência (PAIS, 1990, p. 143).

No final da década de 60 os problemas associados à juventude diziam respeito ao seu protagonismo dentro de uma crise de valores e de um conflito de gerações sobre os comportamentos éticos e culturais. A partir da década de 70, a juventude se tornou praticamente uma categoria econômica e os problemas associados a essa etapa da vida voltaram-se para o emprego e para a inserção dos jovens na vida ativa (PAIS, 1990, p. 143).

Nesse sentido é possível observar que um período de expansão econômica seguido de um período de recessão modificou também as problemáticas sociológicas dominantes o que torna a crise econômica e os problemas que derivam dela pontos centrais nas discussões sobre a temática da juventude (PAIS, 1990, p. 143). Entre os problemas associados à juventude destacam-se, portanto: a inserção profissional, as drogas, a delinquência, problemas com a escola e com os pais (PAIS, 1990, p. 144).

A juventude é quase um mito, uma espécie de figura abstrata construída socialmente. A mídia, por sua vez, ajuda a difundir aspectos fragmentados sobre a sua cultura (manifestações, modas, delinquência, etc.) o que acaba por definir uma cultura juvenil que existe muito mais como representação social do que como realidade. Muitas vezes os trabalhos sociológicos funcionam inclusive como grandes caixas de ressonância da mídia validando os estereótipos por ela criados, tratando os estilos mais badalados das culturas juvenis como indiscutíveis ou dominantes e retratando a juventude como uma ameaça para a sociedade. São justamente esses aspectos da cultura juvenil os que mais interessam à mídia. A realidade, porém, pode mostrar-se diferente. As condutas homogêneas dos jovens são, na verdade, fruto desse discurso midiático, de discursos políticos e de intervenções administrativas de ordem variada (PAIS, 1990, p. 144 e 145).

¹ Embora o texto de José Machado Pais seja de 1990 as reflexões que o autor apresenta são atuais e contemplam o cenário da juventude contemporânea e os dados que estão emergindo do meu campo de pesquisa.

Alguns jovens irão se identificar com esse “mito”, outros, não. Entre os primeiros, o estereótipo midiaticamente criado do jovem - irreverente e irresponsável - transforma-se parcialmente em realidade uma vez que, através de uma espécie de consciência geracional, as diferenças entre eles e as gerações anteriores são intensificadas. Entre os segundos há o reconhecimento de que ser jovem é uma experiência única, distinta daquela vivenciada por outros jovens (PAIS, 1990, p. 145 e 146).

O desafio que se apresenta à sociologia é, então, o da desconstrução dos aspectos ideológicos construídos socialmente e que identificam a juventude como uma entidade homogênea. Essa desconstrução da representação social (do senso comum) acabará por revelar uma construção sociológica da juventude, necessariamente relacionada à realidade sociologicamente construída (PAIS, 1990, p. 146).

A juventude, quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulado no contexto de circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois a modificar-se ao longo do tempo (PAIS, 1990, p. 146).

Reuter, citado por Pais (1990), foi um dos primeiros sociólogos a reconhecer que a juventude não se enquadra apenas em uma fase da vida que deve necessariamente emergir - em todas as sociedades - entre a infância e a vida adulta. Antes dele, Mead já havia apontado que os limites cronológicos da juventude eram flutuantes e diferiam de cultura para cultura. Foram eles que definitivamente questionaram as teses dominantes que se limitavam a relacionar a adolescência à maturação biológica e psicológica (PAIS, 1990, p. 146).

A segmentarização da vida em sucessivas fases - sendo a juventude uma delas - é, portanto, produto de um complexo processo de construção social.

Determinadas fases de vida apenas são reconhecidas, enquanto tal, em determinados períodos históricos, isto é, em períodos nos quais essas fases de vida são socialmente vistas como geradoras de «problemas» sociais (...) Geralmente, são os indivíduos quem, no dia-a-dia, tomam consciência de determinadas características específicas a um período da sua vida. Se estas características afetam um universo considerável de indivíduos - pertencentes, na sua maioria, a uma geração demográfica -, elas são culturalmente incorporadas em determinados modos de vida. Se essas características, específicas a um determinado período de vida, se apresentam como expressão de determinados «problemas» sociais, atraem a atenção dos poderes públicos, podendo surgir medidas - legislativas ou de «terapêutica» social - que, por via institucional, consigam dar resolução parcial a esses problemas (PAIS, 1990, p. 146 e 147).

As medidas apresentadas pelo poder público interferem diretamente no cotidiano dos indivíduos por elas contemplados e podem influenciar também na transição de uma fase da vida para outra. Nesta ordem de ideias, a puberdade é um período biológico universal, porém, a adolescência só começou a ser encarada como fase da vida quando - na segunda metade do século XIX - os problemas e as tensões associados a ela se tornaram objeto de consciência social. O envolvimento de jovens em grupos de amigos e os comportamentos da cultura adolescente foram fonte de preocupações para educadores e reformistas (PAIS,1990, p.147 e 148).

Além disso, nos Estados Unidos, a cultura juvenil começou a preocupar o poder público quando foi descoberta a conexão entre ela e o desenvolvimento de formas de marginalidade social e delinquência. Algumas medidas observadas que refletem no reconhecimento social dos problemas da adolescência são: o prolongamento da escolaridade, a legislação sobre trabalho infantil, o surgimento da família contemporânea, o crescimento no número de casas de correção para menores, entre outras. É possível, também, apontar medidas contraditórias relacionadas à dificuldade de ingresso dos jovens na vida ativa: prolongamento da escolaridade obrigatória e criação de programas de formação profissional (PAIS,1990, p.147 e 148).

Em suma, a juventude só se firmou socialmente a partir do momento em que foi percebido um prolongamento dos tempos de passagem entre a infância e a idade adulta e apenas após o surgimento dos problemas sociais derivados da cultura juvenil (PAIS,1990, p. 148).

Analisando o termo “juventude” percebe-se que nele existe um paradoxo. Toda ideia é definida por um termo, porém, juventude traz em sua conceitualização ideias que são, por si só, diferentes. É necessário olhar para a juventude através de dois eixos semânticos. Por um lado, designa uma unidade (quando se refere a uma fase da vida), por outro, traduz-se em diversidade (quando são considerados os diferentes atributos sociais que distinguem os jovens uns dos outros). Falar sobre jovens rurais ou urbanos, estudantes ou trabalhadores, solteiros ou casados é diferente de falar de juventude enquanto fase de vida (PAIS,1990, p. 149).

Noutras palavras, a juventude ora se apresenta como um conjunto homogêneo no qual são comparadas a geração dos jovens com outras gerações, ora se apresenta de forma

heterogênea na qual os jovens são examinados como um conjunto social com atributos sociais que diferenciam os jovens uns dos outros (PAIS,1990, p. 151).

OS INDIVÍDUOS QUE COMPÕEM ESSE COLETIVO

A escolha dos jovens que participariam da pesquisa levou em consideração a faixa etária de 18 a 25 anos pois esta se encaixa nas discussões e reflexões a respeito das juventudes e também por ser comum que nesse período da vida os jovens se deparem com a necessidade de inserção no mercado de trabalho. Além disso, optei por convidar alunos que fossem integrantes de um dos Grupos Artísticos do programa, uma vez que nesse espaço há uma maior concentração de alunos interessados em trabalhar com música.

O programa possui atualmente dez Grupos Artísticos dentro da Capital de São Paulo e Grande São Paulo. Com a finalidade de viabilizar a pesquisa, escolhi colaboradores que estivessem inseridos ou na Orquestra de Cordas ou na Orquestra Sinfônica e que tocassem instrumentos de cordas friccionadas visto que a minha atuação docente no Programa me coloca em contato com esses instrumentos diariamente.

O primeiro contato com o campo de pesquisa foi feito em Fevereiro de 2022 quando passei um sábado inteiro participando dos ensaios de ambas as orquestras e apresentei a todos os alunos presentes a proposta da minha pesquisa. Nesse mesmo dia foi entregue a todos os alunos com 18 anos ou mais um questionário com a intenção de descobrir quais desses alunos pretendem ser músicos profissionais e se algum deles já trabalha com música. Foram identificados 6 alunos que poderiam colaborar com a pesquisa, 3 meninos e 3 meninas.

Dentre eles, quatro tocam violino, um toca violoncelo e uma toca contrabaixo. Todos eles iniciaram seus estudos musicais em outros espaços e foram direcionados ao Guri ou optaram por aulas no Programa por reconhecer a amplitude técnica e teórica que o Programa oferece em suas aulas. Vale salientar que todos os alunos do Guri participam, no mínimo, de três aulas diferentes durante seu desenvolvimento musical no programa: aula de Instrumento ou Canto, aula de teoria e aula de coral. Alunos de 6 a 9 anos são atendidos através da Iniciação Musical.

A modificação no olhar sociológico sobre a juventude ao longo das últimas três décadas deixou claro que esse conceito significa mais do que uma mera etapa do desenvolvimento físico-psicológico que se estende da infância ou da adolescência à idade

adulta. A Sociologia da Juventude procura observar não apenas as possíveis similaridades entre os jovens, mas, sim, as diferenças sociais que existem entre eles. Jovens estudantes, jovens trabalhadores, jovens em contexto urbano ou rural possuem características semelhantes, porém, atribuem diferentes sentidos à temática da juventude justamente por conta das suas particularidades (DOUTOR, 2017, p. 161).

Nicole: Deixa eu te perguntar Mi, como que você se descreveria? Quem é a Milena?

Milena: Ai, todo dia eu me pergunto isso! Ah! Assim, eu diria que eu tenho vários lados, né?

Seguindo essas perspectivas teóricas, torna-se mais apropriado pensar a juventude na sua diversidade, considerando-a como uma realidade socialmente construída, capaz de promover diferentes leituras sobre si mesma (DOUTOR, 2017, p. 161). É possível perceber na fala da participante Milena a heterogeneidade implícita no conceito de juventude uma vez que ela própria percebe que transita por mais de uma definição.

Nicole: E como você se descreveria? (...) Quem é você?

Léo: (...) Ah, eu sou meio simples, nasci, é... em São Mateus, é... meu pai é negro, pardo, negro-pardo, minha mãe, branca. Meus pais não têm faculdade, então, uma família simples, né. Eu comecei a estudar desde pequeno a música e tô aí até hoje. Mas, um menino simples, normal, assim, pra sociedade, vamos dizer assim.

Por outro lado, a homogeneidade existente na juventude - como fase da vida - fica evidente na fala de Leonardo quando ele se descreve como “um menino simples, normal, assim, pra sociedade”. O mito da juventude homogênea - citado anteriormente - se apresenta de forma sutil nesta fala do participante. Neste mesmo sentido é possível perceber que existe um conceito estabelecido socialmente (e também pela mídia) do que seria um garoto “normal”.

Em contrapartida a fala de Levy evidencia a multiplicidade presente nas culturas juvenis:

Levy: Ah.. Porque eu sempre quero tá em tudo, entender tudo. Uma hora eu acho que é... vou por esse caminho, daqui a pouco eu falo: não, acho que esse caminho aqui é melhor... Então vou traçando e é... eu sou uma pessoa que muda bastante então... Dando um pequeno exemplo é tipo assim: Hoje eu tô ouvindo no... hoje o meu melhor compositor é o Dvorak; daqui a

pouco eu viro e falo: Não, a melhor compositora é a Pablo Vittar. Entendeu?! (risos). Então é mais ou menos nessa linha aí...

Nicole: Entendi. Você passeia por universos que muitas vezes são considerados distantes.

Levy: Exatamente!

A heterogeneidade dos jovens está presente na forma como o participante se descreve pois ele visualiza várias opções de caminho a serem percorridos. A diversidade inerente à juventude também se mostra relevante até mesmo na escolha dos gêneros musicais que permeiam as vivências do participante uma vez que ele transita por universos musicais que, muitas vezes, são considerados distantes e não correlacionados.

A juventude é entendida como uma fase natural da vida marcada pela busca do prazer e da independência que resultam em diversos conflitos, seja com os pais, com os professores e até mesmo com a polícia (DOUTOR, 2017, p. 163). Essa é a ideia vendida pela mídia: os jovens são rebeldes. A realidade, pode se mostrar diferente, porém. Nem todos os jovens irão se identificar com esse perfil, o que demonstra, novamente, o caráter heterogêneo desse grupo social denominado como juventude (PAIS, 1990, p. 144, 145 e 146).

Nicole: E... qual é o percurso que você considera importante pra concretizar a sua profissionalização?

Larissa: percurso... é, terminar a licenciatura né. Pegou o diplominha, pegar experiência também em dar aula vai ser importante pra mim. E, não parar de estudar porque a música é infinita, né. Sempre vai ter alguma coisa a mais pra aprender.

Rebeldes, ou não, os sujeitos considerados como jovens são aqueles que já abandonaram a infância, deram os primeiros passos em direção à vida adulta (DOUTOR, 2017, p. 162), e que estão buscando o desenvolvimento de certas habilidades que lhes concederão esse status social (PAIS, 1990, p. 141). Responsabilidades de nível ocupacional estão relacionadas à inserção profissional para a qual percebemos que Larissa está se preparando. Contrariando o mito da juventude homogênea e instável, a participante idealiza um percurso a ser seguido com o intuito de concretizar a sua profissionalização e tornar-se, enfim, adulta.

A imagem da juventude como um processo de transição da infância para a fase adulta associa-se às teorias do curso de vida o que faz com que a juventude deixe de ser um estado

ou uma categoria para se tornar um processo. Isto é, a juventude é vista como uma sequência de trajetórias biográficas entre a infância e a idade adulta (PAIS, 1990, p. 150). Uma trajetória biográfica é um conjunto de percursos que ocorrem em diferentes quadros institucionais e em diferentes espaços sociais. Ao tentar fazer a periodização de uma trajetória biográfica, é necessário considerar que existem duas ordens de acontecimentos distintos, mas dependentes: acontecimentos históricos - e que pautam a evolução das estruturas sociais - e acontecimentos individuais - que balizam os diferentes percursos que constituem uma trajetória biográfica e que refletem determinadas estruturas sociais (PAIS, 1990, p. 150).

Em relação às trajetórias dos jovens e seus percursos de transição apresenta-se necessário considerar a juventude na sua diversidade. Através desse viés é possível perceber que os caminhos de acesso à vida adulta são bastante flutuantes, flexíveis e, também, diversificados. Ou seja, os processos de transição entre a infância e a vida adulta são marcados por apreciáveis descontinuidade e rupturas (PAIS, 2016, p. 60).

Nicole: então você trabalhou no exército durante um tempo e continuou estudando no guri?

Elias: Sim, inclusive quando eu entrei no exército foi o ano que eu também entrei na orquestra.

Nicole: mas voce já trabalhou no exercito e em mais algum lugar?

Elias: já trabalhei num hotel de jovem aprendiz.

Nicole: qual era a sua função como jovem aprendiz?

Elias: eu era recepcionista.

(...)

Nicole: tá. Por que que você não quis seguir a carreira militar?

Elias: então, talvez se eu não tivesse conhecido a orquestra, quem sabe, hein?! Talvez eu acho que eu teria ficado lá, mas como foi o mesmo ano, e eu curti assim. Porque eu já tava, a música já tava, assim, fazendo os cursos, já tinha um pontinho lá. Ai veio mais isso da orquestra e confirmou. Mas eu acho que se não tivesse isso talvez eu tinha ficado lá sim.

Isso pode ser observado nas falas do participante Elias, uma vez que, antes de optar por seguir uma carreira como profissional da música, o participante trabalhou em outras áreas.

O processo de inserção profissional é multidimensional. Por um lado é um percurso individual, influenciado por acontecimentos pessoais. Por outro lado, a inserção profissional pode ser compreendida como um fenômeno institucional uma vez que as instituições exercem influência sobre aqueles que as frequentam. Foi através da sua participação num dos Grupos Artísticos do guri Santa Marcelina que o participante teve uma vivência musical que o direcionou profissionalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sociologicamente a temática da juventude apresenta a necessidade de contestar as representações correntes sobre a juventude. Essa categoria social - manipulada e manipulável - pode ser interpretada como uma unidade social composta por indivíduos de faixa etária definida e com interesses em comum. Nesse viés, a cultura juvenil é unitária. Entretanto, não é possível englobar num único conceito um grupo de sujeitos que, apesar de pertencerem à mesma geração, se identificam como pertencendo a classes sociais, grupos ideológicos e profissionais diferentes (PAIS, 1990, p. 139). Pode-se dizer que há, portanto, diferentes juventudes (PAIS, 1990, p. 151).

Histórica e socialmente a juventude é reconhecida pela sua instabilidade e por um certo descontrole. O jovem é um agente social direcionado para a realização futura, ou seja, para a sua carreira profissional. Tornar-se adulto requer, portanto, o desenvolvimento de algumas responsabilidades como, por exemplo: inserir-se num trabalho fixo e remunerado, ter condições financeiras de garantir o seu próprio sustento e de manter a sua própria moradia, além da responsabilidade conjugal - também associada à vida adulta (PAIS, 1990, p. 141). Vale salientar que um dos problemas sociais que mais afeta a juventude contemporânea é a dificuldade de inserção dos jovens no mercado de trabalho (PAIS, 1990, p. 142).

Nesse sentido, evidencio que essa pesquisa toma como colaboradores jovens com idades entre 18 e 25 anos, moradores da periferia de São Paulo, participantes de um projeto sociocultural de educação musical e inclusão social. Esse grupo delimitado de jovens possui características semelhantes em suas estruturas de vida e em suas vivências, porém, cada participante é único e compreende a sua própria realidade através da sua própria lente. Falar dessa juventude é também dar voz a cada um desses jovens para que dentro do coletivo no

qual estão inseridos eles sejam também considerados e compreendidos como indivíduos. Aproximar-se da juventude é também partir do pressuposto metodológico de que este grupo não é homogêneo e de que está socialmente dividido em função dos seus interesses, das suas origens, das suas perspectivas e das suas aspirações (PAIS,1990, p. 149).

Portanto, compreender quem são os jovens, seus contextos, programa onde estudam, dentre outros aspectos que surgirem nas construções dos dados, serão formas de analisar o cotidiano desses jovens com a finalidade de discutir seus projetos e percursos músico-profissionais.

Referências

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana; *A música e o Risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. 256 p.

GOMES, Solange Maranhão. *A inserção profissional de licenciados em música: um estudo sobre egressos de instituições de ensino superior do estado do Paraná*. 2016.

PAIS, José Machado. *A construção sociológica da juventude: alguns contributos*. Análise social, v. 25, p. 139-165, 1990. Disponível em:

PAIS, José Machado. *Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro*. 4ª Edição. Berlim: GD Publishing Ltd. & Co KG, 2016.

DOUTOR, Catarina. Una mirada sociológica sobre los conceptos de juventud y prácticas culturales: perspectivas y reflexiones. *Última década*, v. 24, n. 45, p. 159-174, 2016.

SOUZA, Jusamara. *Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical*. Encontro Anual Da Associação Brasileira De Educação Musical, v. 5, p. 11-39, 1996.